

## Introdução

Será abordado nesta dissertação o modo como Platão trata a linguagem<sup>1</sup> no diálogo *Crátilo*, esse que é um diálogo sobre o qual há inúmeras controvérsias, a ponto de Louis Méridier dizer, em sua introdução ao diálogo, o seguinte: “*Não há diálogo de Platão que tenha suscitado mais discussões entre os modernos que o Crátilo.*”<sup>2</sup>

Nesta introdução, abordaremos a motivação para tal investigação e algumas das ditas controvérsias em torno do *Crátilo*, assim como, também, revelaremos o objetivo da escolha desse diálogo para suscitarmos uma discussão acerca da linguagem no pensamento platônico.

Antes de qualquer elucidação, é preciso dizer que esse interesse no modo como Platão tratou a linguagem no *Crátilo* é fruto de uma investigação mais geral que pretende refletir sobre a relação entre a filosofia e a sofística. A partir da leitura dos diálogos platônicos, dos fragmentos dos sofistas e de alguns intérpretes do pensamento grego, notamos que havia, poderíamos dizer, uma batalha entre estas duas vertentes do pensamento antigo, visando ao predomínio ou monopólio da produção intelectual. Batalha esta narrada por alguns diálogos platônicos, onde Sócrates tenta revelar a fraqueza intelectual e ética daqueles pensadores conhecidos como sofistas e a sua principal arma, a retórica. Mais do que isso,

---

<sup>1</sup> Danilo Marcondes em seu artigo *A concepção de linguagem no Crátilo de Platão* fala da inexistência de um conceito de *linguagem* – pensado autonomamente no campo lógico, o que para o autor ocorre apenas na Filosofia Contemporânea com a Filosofia Analítica - em Platão e em todo contexto da filosofia grega; e isto faz com que seja anacrônico o uso de tal termo no que diz respeito ao pensamento dos filósofos gregos. Ciente da possibilidade desse anacronismo, quando utilizamos o termo *linguagem*, em relação ao pensamento de Platão e de outros pensadores gregos, temos em mente as discussões que tinham como centro as funções, os poderes e a busca pela excelência no uso dos discursos, além de uma preocupação epistemológica e ontológica, isto é, acerca da relação entre as palavras e as coisas, entre o *logos* e a realidade. Abordaremos o contexto de tais discussões um pouco mais a frente. Podemos citar, ainda, autores como Kahn (*Les mots et les formes dans le Cratyle de Platon*, P.96) e Jakobson (*À procura da essência da linguagem*) que tratam tanto das dificuldades encontradas no *Crátilo* por conta da ausência de conceitos – como, por exemplo, *significado (sinn)* e *referência (bedeutung)* de Frege - forjados posteriormente quanto da aproximação de tal diálogo com as teorias linguísticas do final do século XIX.

<sup>2</sup> “*Il n’est pas un dialogue de Platon qui ait suscité chez les modernes plus de discussions que le Cratyle.*” Paris, 1931.

Platão sentiu a necessidade de criar uma fronteira, que não era tão clara<sup>3</sup>, entre a atividade do filósofo e a dos pseudo-sábios, caçadores interesseiros de jovens ricos, comerciantes em ciências e erísticos mercenários. Podemos estender ainda mais esta batalha e dizer que o grande projeto do pensamento platônico é estabelecer a diferença entre a filosofia e as outras áreas do saber como, por exemplo (além da retórica e da sofística), a poesia<sup>4</sup>, a religião tradicional e outras ciências especializadas.

Essa batalha pelo monopólio intelectual na sociedade grega tem como causa o colapso da tradição poética (oral), que até então era o discurso hegemônico existente. Acerca disso, Thomas Cole em seu livro *The origins of rhetoric in ancient Greece*, ao tratar do nascimento da retórica como sendo produto de um processo de revolução intelectual onde a inspiração foi substituída pela instrução e pela razão correta, isto é, onde houve uma maior consciência do uso da linguagem e, por conseguinte, o nascimento de uma técnica que visava à obtenção da excelência na produção de discursos, diz o seguinte:

“Por uma série crucial de décadas no curso dos séculos quinto e início do quarto, uma variedade de sofistas, cientistas, médicos, polímatas, logógrafos, oradores, estadistas, dramaturgos e exegetas disputaram entre si a posição deixada vaga pelo colapso do indiscutível papel pretendido pela poesia de ser a mentora intelectual e moral da Grécia.”<sup>5</sup>

Outro autor que investiga este vazio deixado pela tradição poética é Marcel Detienne em *Os mestres da verdade na Grécia Arcaica*. Em tal livro, Detienne percorre a trajetória da evolução do uso da linguagem, e de sua relação com a

---

<sup>3</sup> Alexander Nehamas em seu artigo *Plato's demarcation of philosophy from sophistry* fala que desde Aristófanes até as gerações posteriores, como é expresso em Isócrates e Ésquines, não havia uma fronteira tão clara entre sofística e filosofia, a ponto de Sócrates - até mesmo Platão, ao menos em Isócrates - ser algumas vezes classificado como sofista. Nesse mesmo artigo, o autor analisa a demarcação feita por Platão entre os métodos da sofística (antilogia e erística) e o método da filosofia (dialética). Ainda no que diz respeito à necessidade de demarcação sentida por Platão, Edward Schiappa em seu artigo *Did Plato coin rhetorike?*, trata da possibilidade de Platão ter inventado a palavra retórica no processo de composição do *Górgias*. Por fim, a dificuldade de separação entre filosofia e sofística, e até mesmo a não existência de uma abordagem unificada acerca dos sofistas ao longo dos diálogos platônicos, são alguns dos temas tratados por Marina Maccoy em seu livro *Platão e a retórica de filósofos e sofistas*.

<sup>4</sup> Eric Havelock, em seu livro *Prefácio a Platão* (em especial os capítulos 1 e 2), faz comentários esclarecedores sobre esta relação entre o pensamento platônico e a tradição poética grega.

<sup>5</sup> “For a crucial series of decades in the course of the fifth and early fourth centuries a host of Sophists, scientists, physicians, polymaths, logographers, orators, statesmen, dramatists, and exegetes disputed among themselves the position left vacant by the collapse of poetry's undisputed claims to be the moral and intellectual mentor of Greece.” P.28

verdade (*aletheia*), na sociedade grega. Detienne parte de um momento primordial, demarcado como sendo o uso sagrado da palavra, com grande poder de encantamento e restrito a determinados sujeitos. Este momento é nomeado aqui como a palavra mágico-religiosa, presente nos poemas de Homero e de Hesíodo. Após este momento primordial, há uma gradual laicização do uso da palavra, devido em grande parte às mudanças nos meios sociais, que fez surgir, de acordo com Detienne, um outro tipo de palavra, a palavra-diálogo. Se por um lado a eficácia da palavra mágico-religiosa está vinculada a uma realidade divina que transcende ao homem, por outro lado, na palavra-diálogo a linguagem ganha autonomia em relação ao mundo divino e se funda nos grupos sociais. Não entraremos nos meandros dessa distinção que Detienne estabelece, será sim de interesse aqui o momento seguinte, em que o autor trata dos parâmetros do uso da palavra-diálogo.

Segundo Detienne, a palavra-diálogo supera a anterior mágico-religiosa a partir do momento em que há uma reforma nas organizações sociais, ao lado de alterações na estrutura intelectual da sociedade; com isso, nasce a necessidade de estruturação de um pensamento racional e um natural distanciamento do pensamento religioso. O *logos*, como já foi dito acima, ganha, com esta superação da palavra mágico-religiosa, uma autonomia em relação ao mundo simbólico-religioso, abrindo caminho para que ele possa se desenvolver a partir de si mesmo e do meio que o cerca.

Feitas essas reflexões, Detienne diz que a partir da autonomia do *logos*, podemos visualizar dois caminhos possíveis em relação às reflexões sobre a linguagem: de um lado, a reflexão direcionada pela sofística e pela retórica, onde o *logos* é tomado como sendo o principal instrumento das relações sociais, e, do outro lado, a reflexão adotada pela filosofia, que pretende a partir do *logos* estabelecer o conhecimento do real. Sendo assim, a sofística e a retórica se enveredam em técnicas que visam à persuasão, avançam em investigações gramaticais e estilísticas, valorizando a *apate* e rejeitando a *aletheia*, diferentemente da filosofia, que toma esta última noção como central em suas investigações.

Enfim, Detienne anuncia a escolha que esta palavra-diálogo deve tomar frente às duas trilhas possíveis, ou seja, de um lado, a sofística e a retórica com sua valorização da *apate*, e do outro lado, a filosofia e o seu compromisso com a *aletheia*.

Estas foram algumas das considerações que nos fizeram pensar que o principal conflito entre a sofística e a filosofia teria como centro a investigação sobre os poderes e compromissos do *logos*. Como diz Marina McCoy:

*“Ou seja, assumir o título de filósofo já significa ter certa concepção em mente sobre o que constitui um melhor ou pior entendimento da linguagem e sua relação com a razão e a realidade. Retórico, filósofo e poeta não são simplesmente termos que descrevem um conjunto de práticas, como médico ou pintor. Ao contrário, os termos ainda estão em desenvolvimento e são disputados com palavras na batalha sobre o que o logos pode ou deve fazer.”*<sup>6</sup>

Por conta disso tudo, pretendemos lançar um olhar sobre as reflexões platônicas acerca da linguagem, no *Crátilo*, a fim de retirar algumas conclusões em relação a este contexto de batalha e disputa entre a filosofia e a sofística.

Após estes comentários, uma questão se apresenta: por que para falar de linguagem em Platão trataremos do *Crátilo*? Esse que é um diálogo considerado<sup>7</sup>, algumas vezes, como sendo de pouca importância para o pensamento platônico, ou mais, um diálogo confuso e cômico<sup>8</sup>, onde as ideias que Platão queria divulgar não estão tão nítidas e que, ainda, tem uma longa parte dedicada a etimologias excêntricas e duvidosas. Na tentativa de responder esta questão, trataremos da temática abordada nesse diálogo, para daí pensarmos o que dele podemos extrair sobre o pensamento de Platão acerca da linguagem.

Antes disso, é digno de nota que não pretendemos aqui esgotar o tema das discussões linguísticas em Platão, mas sim tentaremos apresentar algumas considerações ou conclusões retiradas de uma análise do *Crátilo* que possam indicar o direcionamento dado por Platão a esse tema de central importância para o seu pensamento. E ainda mais, em nossa análise do *Crátilo* não pretendemos

---

<sup>6</sup> P.27.

<sup>7</sup> É o caso, por exemplo, de Fowler e Taylor, citados mais a frente (P. 6 e 7).

<sup>8</sup> Entendemos, porém, que o caráter cômico de um diálogo platônico não exclui necessariamente a sua seriedade filosófica. Sobre a relação entre comicidade e seriedade filosófica no *Crátilo*, ver o livro *As armas cômicas: os interlocutores de Platão no Crátilo* de Luisa Buarque.

fazer um estudo detalhado de todas as questões levantadas pelo filósofo nesse texto, porém sim uma análise de algumas passagens do dito diálogo a fim de suscitar uma discussão sobre a linguagem em Platão.

Ao tratarmos de qualquer diálogo platônico, uma primeira preocupação que surge é a do posicionamento cronológico frente aos outros diálogos. Apesar de inúmeras controvérsias e discordâncias, é comum dividirmos os textos de Platão em três fases e, com isso, em três grupos distintos de diálogos: os da juventude ou os diálogos socráticos; os diálogos intermediários ou da maturidade; e os últimos diálogos. Há diversos critérios para enquadrar um diálogo em uma das três fases do pensamento platônico, seja a partir do método argumentativo utilizado, do tema, das características dramáticas, do tipo de linguagem (termos e expressões) utilizada ou pelos dados históricos fornecidos. Acerca desses critérios e de outras questões sobre a cronologia dos diálogos de Platão, há uma extensa bibliografia e acalorados debates. Não pretendemos aqui entrar no cerne desse acirrado embate proporcionado pelos platonistas; contudo, acreditamos ser importante realizar breves comentários sobre o posicionamento do *Crátilo* dentre os outros diálogos na tentativa de esclarecer alguns dos temas tratados nele.

Como foi dito acima, existe sempre muita controvérsia em relação à classificação cronológica de qualquer diálogo platônico e com o *Crátilo* isto não é diferente<sup>9</sup>. Contudo, é quase um consenso<sup>10</sup> entre os comentadores contemporâneos que esse diálogo tenha sido escrito na fase dita intermediária.

<sup>9</sup> Como cita David Sedley (p.8), há discussões acerca do posicionamento do *Crátilo* entre os diálogos intermediários: *Pré-República* – Ross (1955), Luce (1964), Calvert (1970), Kahn (1973), Levin (2001); próximo ao *Teeteto* – Kirk (1951), Allan (1954), Barney (2001). Há, ainda, autores como Owen (1953) e Mackenzie (1986), que colocam o *Crátilo* junto ao grupo dos últimos diálogos.

<sup>10</sup> Entre os artigos e textos que são de nosso conhecimento, quase todos os autores tendem a posicionar o *Crátilo* entre os diálogos intermediários. Vale, contudo, ressaltar algo que José Trindade dos Santos diz em sua introdução ao diálogo. Esse comentador, na tentativa de apresentar a riqueza de problemas suscitados no diálogo, diz que há uma grande dificuldade, sentida por diversos platonistas, de enquadrar o diálogo em um dos três períodos do pensamento platônico e que, por isso, esse diálogo já foi localizado em todos períodos possíveis. Como dado complementar a esse fato, José Trindade diz (p. 9) que nas 132 cronologias dos diálogos catalogadas entre 1792 e 1981 por H. Thesleff (*Studies in Platonic chronology*, Helsínquia, 1982, p.8-17), para 28 comentadores, o *Crátilo* situa-se no primeiro período; para 33, no segundo; para 9, no terceiro; 7 colocam-no mais ou menos entre o primeiro e o segundo grupo; outros 7, entre o segundo e o terceiro grupo; e 3 não o incluem nas suas listas. Para os restantes, não se pode deduzir uma posição definida. Há, também, autores como David Sedley (p. 7-14), que acredita que o diálogo foi escrito em uma fase e editado ou revisado, pelo próprio Platão, em outro período. Além desses autores, vale citar a introdução de Catherine Dalimier (Flammarion, 1998), onde são apresentados elucidativos comentários sobre a cronologia do *Crátilo*.

Isso porque o diálogo possui uma estrutura dramática (narrativa) próxima aos primeiros diálogos - chamados diálogos aporéticos - onde Sócrates, a partir de seu *elenchos*, debate os argumentos e as conseqüências de uma tese defendida por seu interlocutor. E o que se tem, geralmente, ao final do debate é a refutação da tese defendida inicialmente pelo interlocutor e não a apresentação de uma tese socrática. Porém, tematicamente o *Crátilo* se distancia dos primeiros diálogos, uma vez que esse diálogo trata de temas como linguagem, verdade e significação, que não são temas comuns aos primeiros diálogos. Além disso, outro fato que ressalta o afastamento do *Crátilo* dos primeiros diálogos é o aparecimento, ainda que de maneira esboçada<sup>11</sup>, das Ideias ou Formas. Como veremos mais a frente, quando analisarmos o diálogo, em algumas passagens do *Crátilo* notamos um tipo de argumentação - e até mesmo de vocabulário - muito próxima ao de diálogos como *República* e *Fedro*. Enfim, essas são algumas das indicações que nos levam a posicionar o *Crátilo* entre os diálogos intermediários.

Feito este breve comentário sobre a posição do *Crátilo* no *corpus* platônico, trataremos das questões e objetivos de Platão ao escrever tal diálogo, para, finalmente, podermos responder a pergunta posta anteriormente.

Já salientamos que o *Crátilo* foi muitas vezes tido como sendo um diálogo de pouca importância para o pensamento platônico, principalmente porque ele foi visto como um diálogo confuso e incoerente, onde não fica perceptível a sua proposta filosófica. É o caso de A.E. Taylor, que diz o seguinte:

*“O verdadeiro propósito do diálogo, na medida em que há qualquer propósito além da preservação de uma imagem de Sócrates em um de seus mais excêntricos humores, é considerar não a origem da linguagem, mas sim o seu uso e suas funções.”*<sup>12</sup>

Ou ainda, Fowler em sua introdução:

<sup>11</sup> O próprio Platão diz, em 439c6-d1, que tem sonhado (*oneiroto*) bastante com a ideia de que há o belo e bom em si (*auto kalon kai agaton*).

<sup>12</sup> *“The real purpose of the dialogue, so far as it has any purpose beyond the preservation of a picture of Socrates in one of his more whimsical moods, is to consider not the origin of language, but its use and functions.”* Apud. Weingartner (p.5).

“O *Crátilo* não pode ser considerado de grande importância para o desenvolvimento do sistema platônico, uma vez que ele trata de um tema especial que é um pouco afastado da teoria filosófica geral”.<sup>13</sup>

Mas qual é exatamente a questão levantada pelo diálogo? O *Crátilo* tem como tema inicial a correção dos nomes (*orthotes ton onomaton*), isto é, é posto em questão o método correto para a produção e uso dos nomes. Para melhor compreender esse tema, e com isso o próprio diálogo, entendemos que é preciso lançar um olhar sobre o tipo de discussão acerca da linguagem que estava em pauta no tempo de Platão. Isso se faz importante porque Platão escreveu seus diálogos utilizando personagens históricos que representam uma determinada corrente de pensamento comum na época. Ou seja, há sempre nos diálogos platônicos críticas, implícitas ou explícitas, a certas posturas intelectuais ou morais. Em função disso, acreditamos, mais uma vez, ser válido investigar o contexto intelectual de tal tema abordado no *Crátilo* para tentarmos entender quais eram as fontes, os alvos e objetivos de Platão ao escrever esse diálogo.

A linguagem tem um papel de destaque no desenvolvimento do homem, pois é por meio dela que as sociedades criam uma identidade cultural e étnica; é ela, ainda, que possibilita a nossa capacidade de formar e organizar pensamentos, além de ser um importante instrumento de comunicação. Por conta dessa importância, a linguagem desde muito esteve sempre entre as importantes questões filosóficas. E numa sociedade como a grega, muito sensível aos efeitos e às possibilidades proporcionadas pela linguagem, esta discussão foi marcante. Contudo, como vimos, a sociedade grega teve que passar por um estágio de afastamento do contexto exclusivamente oral do uso da linguagem, presente na tradição poético-religiosa – de central importância para a fundação e sustentação dos alicerces básicos de uma sociedade, como a educação e a moral –, para poder dar início, a partir da disseminação de uma nova técnica desenvolvida pela linguagem escrita<sup>14</sup>, a um estudo crítico sobre a linguagem e suas habilidades.

O século V a.C é tido como sendo um marco para a evolução cultural e intelectual do mundo grego, pois, entre outras coisas, foi nesse momento que a

---

<sup>13</sup> “The *Cratylus* cannot be said to be of great importance in the development of the Platonic system, as it treats of a special subject somewhat apart from general philosophic theory” (p.4)

<sup>14</sup> Para mais informações sobre este tópico, ver *A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais* de Eric A. Havelock.

linguagem escrita atingiu alto grau de disseminação e onde valores tradicionais da cultura foram colocados em questão; e esse período culminou, também, com o auge do sistema democrático ateniense, fazendo da cidade o principal centro do mundo antigo. E é exatamente em tal contexto que começamos a ter os primeiros relatos de estudos técnicos com relação à linguagem, principalmente com os sofistas. Tomados em conjunto, os sofistas podem ser apresentados como mestres da oratória ou da retórica, e com eles a linguagem ganhou autonomia, isto é, se tornou um campo específico de investigação. Os sofistas foram, então, figuras importantes para a cidade de Atenas, pois eles se tornaram professores de um conteúdo técnico de grande importância para o sistema político em voga.

Mas, segundo Goldschmidt, o fato de os sofistas tomarem a linguagem como centro de seus interesses, enveredando-se em técnicas que visavam aperfeiçoar os seus efeitos, não faz deles os primeiros a terem analisado a linguagem de uma maneira crítica. Pois estes pensadores valorizavam mais um estudo técnico da linguagem, isto é, possuíam um enfoque detalhado nas propriedades e bases formais da linguagem. E por conta disso, então, poderíamos dizer que as investigações sofísticas estariam mais próximas de uma temática linguística ou gramatical do que de uma filosofia da linguagem. Nas palavras Goldshmidt:

*“Mas, precisamente os sofistas que, antes de mais nada, eram os mestres da arte oratória, não exerceram, em geral, um espírito crítico acerca da linguagem: eles se contentaram em estudá-la a fim de aperfeiçoar o instrumento indispensável para os seus ensinamentos. Foram outros filósofos os primeiros a ensaiar uma análise crítica acerca da linguagem.”*<sup>15</sup>

Todavia, isso não põe em cheque o papel de destaque desses pensadores para o crescente interesse nas questões linguísticas, pois foram eles que avançaram em um tipo de conteúdo mais técnico da língua, formando, com isso, uma base para as vindouras investigações lógicas e gramaticais. E, ainda mais, concordamos com Goldshmidt que em sua maioria os sofistas não exerceram um papel crítico em relação à linguagem; mas se formos analisar singularmente o

---

<sup>15</sup> *“Mais précisément les Sophistes, qui, avant tout, étaient des maîtres de l’art oratoire, n’ont pas exercé, en général, leur esprit critique sur le langage: ils se sont contentés de l’étudier, afin de perfectionner l’instrument indispensable à leur enseignement. C’est des autres philosophes que sont venus les premiers essais d’analyse critique du langage.”* Essai sur le “Cratyle”, p.7.

pensamento de alguns sofistas, poderemos sim encontrar ali, além de preocupações formais e estilísticas, um olhar crítico frente à linguagem.

Além disso, os sofistas herdaram da tradição filosófica anterior, os chamados filósofos pré-socráticos, um certo paradigma (temas como a verdade e a falsidade) em relação à linguagem com que eles haviam de lidar; Heráclito e Parmênides são, por exemplo, dois dos principais filósofos pré-socráticos que trataram dessa questão, e sobre a relação do pensamento desses autores e a linguagem, Anthony Long diz o seguinte:

*“Heráclito e Parmênides, os dois gigantes da mais antiga filosofia grega, não tinham interesse nos aspectos gramaticais ou sintáticos da linguagem, mas eles trabalharam acerca de temas que são intimamente ligados à linguagem, como a verdade e falsidade, o uso da razão em um debate, ou as questões da nomeação e da predicação; e as suas obras inspiraram numerosos filósofos.”*<sup>16</sup>

E dentre as preocupações dos sofistas, encontramos exatamente o tema que Platão aborda no *Crátilo*: a correção dos nomes (*orthotes ton onomaton* ou *orthopeia*). E no próprio diálogo, Sócrates responde da seguinte maneira ao ser convidado para o diálogo acerca da correção dos nomes:

*“Ora, se eu já tivesse ouvido a exposição de cinquenta dracmas de Pródico – e, segundo ele próprio, quem a tiver escutado ficará informado sobre este tema –, nada te impediria de, neste mesmo instante, conheceres a verdade acerca da correção dos nomes; porém, eu não ouvi essa exposição, mas apenas a de um dracma; por isso, não sei qual possa ser a verdade acerca dessas coisas.”*<sup>17</sup>

Nessa resposta, Platão parece querer revelar que esse não é um tema sobre o qual Sócrates tenha se debruçado com frequência, ou que tenha considerado de grande importância. E, com sua habitual ironia, Sócrates associa esse tema a Pródico, um conhecido sofista; e mais, aqui ele satiriza o fato de os sofistas cobrarem por seus ensinamentos, relacionando o conhecimento que ele tem sobre o assunto com a quantia de dinheiro que pôde pagar no curso de Pródico.

Mas o que significa essa correção dos nomes? Curiosamente, e por ironia do destino, o *Crátilo* de Platão é uma das principais fontes que nos restaram sobre

<sup>16</sup> *“Héraclite et Parménide, les deux géants de la philosophie grecque la plus ancienne, ne se sont pas intéressés aux aspects grammaticaux ou syntaxiques du langage mais ils ont travaillé sur des sujets qui lui sont intiment liés tels que la véracité et la fausseté, l’usage de la raison dans in débat, ou les questions de nomination et de prédication, et leur oeuvre a inspiré de nombreux philosophes.”* *Le savoir grec. Théories Du langage*, p.555.

<sup>17</sup> Usaremos, ao longo da dissertação, a tradução portuguesa de Maria José Figueiredo. 384b-d

esse tema em voga no período dos sofistas. Resumidamente, podemos dizer que esse estudo abarca uma análise detalhada de cada nome – de seu sentido – individualmente, visando o melhor uso das palavras. Seria, então, uma das matérias dos ensinamentos dos sofistas. Contudo, como nota Kerferd<sup>18</sup>, parece que, além do estudo individual das palavras, sobre esse tema recaíam, também, investigações acerca do estabelecimento de categorias gramaticais. No que diz respeito a tal investigação, costuma-se dizer que Protágoras<sup>19</sup> teria sido o primeiro a fazer uma distinção das partes do discurso (*logos*) em desejo, questão, resposta e ordem. Teria, também, o mesmo sofista sustentado a distinção dos nomes em três gêneros: masculino, feminino e o que se refere a objetos inanimados. No caso de Górgias, temos um relato<sup>20</sup> de que ele escreveu um *onomastikon* que visava estudar detalhadamente alguns nomes. Ainda poderíamos falar de outros sofistas, como Pródico<sup>21</sup>, citado por Sócrates, que se ocupou, sobretudo, da distinção entre sinônimos, e Hípias, que tratou do valor das letras e sílabas, dos ritmos e dos modos. Enfim, percebemos que esse estudo acerca das propriedades das palavras era, poderíamos dizer, um modismo na época dos sofistas.

Feitos esses comentários, podemos agora fazer algumas reflexões sobre o motivo e o objetivo de Platão ao escrever esse diálogo. O filósofo coloca, no *Crátilo*, o seu mestre debatendo um tema frequente entre os ensinamentos sofísticos; mais precisamente, a Sócrates são apresentadas duas teorias opostas em relação à correção dos nomes. De um lado Hermógenes, afirmando que os nomes são formados e usados corretamente quando seguem uma convenção (*syntheke*) ou acordo (*homologia*). Ainda segundo essa teoria, os nomes são construções arbitrárias dos homens e, para serem utilizados corretamente, dependem do uso e do costume (*nomos* e *ethos*) estabelecidos por cada grupo social. Do outro lado temos Crátilo, entendendo que o nome é formado de maneira correta quando representa ou manifesta a natureza da coisa nomeada. Mais do que isso, ele acredita que cada coisa tem apenas um único nome por natureza (*physis*) e esta

<sup>18</sup> Para mais detalhes do significado desta “correção dos nomes”, ver capítulo 7 – A teoria da linguagem – de *O movimento sofista* de Kerferd.

<sup>19</sup> Platão no *Fedro* (267a-268a) apresenta inovações feitas por alguns sofistas em relação a técnicas retóricas. Sobre Protágoras, Sócrates diz que ele escreveu umas regras para falar com correção (*orthopeia*).

<sup>20</sup> C.f Pollux, *Onom.* IX, praef., citado por Cohn, loc.cit., p. 682. Apud. Goldschmidt, p.7

<sup>21</sup> No diálogo *Eutidemo*, Platão diz: “Agora então, supões que ouves a primeira parte dos mistérios sofísticos. Pois primeiro, como diz Pródico, é necessário aprender sobre a correção dos nomes.” (277e)

denominação justa é a mesma para todos, gregos e bárbaros. Sócrates, então, é convidado a dar seu parecer sobre essa questão. Aliás, ao colocar lado a lado as teorias de Hermógenes e de Crátilo, Platão põe em pauta, também, um dos debates mais correntes na época dos sofistas: a oposição entre *nomos* e *physis*<sup>22</sup>. E aqui temos, por fim, personagens representantes de duas correntes de pensamento distintas: Hermógenes, mesmo não sendo um sofista propriamente dito, é diretamente associado às inovações temáticas e ao modo de tratamento dos sofistas, já Crátilo é uma figura enigmática que segue a tradição dos primeiros pensadores gregos, os chamados ‘físicos’, particularmente Heráclito.

E como veremos mais a frente, quando realizarmos a análise do diálogo, o que Sócrates faz, a partir de seu método de perguntas e respostas, é uma refutação de cada uma das teses apresentadas.

Reforçando o que foi dito anteriormente, entendemos que Platão em seus diálogos tenta criar a fronteira entre o pensamento filosófico (ou a atividade filosófica) e as outras correntes de pensamento existentes na época – e a sofística é quase sempre a escolhida. E no *Crátilo*, o filósofo Sócrates é levado a tratar da linguagem, a partir da correção dos nomes. Em função disso tudo, podemos encarar o *Crátilo* como sendo a visão filosófica desse tema que tanto enriquece os sofistas.

Mas será que para Platão esse tema da correção dos nomes é realmente digno de investigação? É nítido, nesse diálogo, que Platão associa essa questão restrita aos nomes a uma questão maior, que diz respeito ao conhecimento das coisas e à relação linguagem-realidade. Com isso, podemos perceber que para Platão o que há de mais importante não é uma discussão sobre a estrutura ou a forma dos nomes, mas sim a sua utilidade ou capacidade frente a um projeto maior: o conhecimento verdadeiro da natureza das coisas.

Então, tendo como ponto inicial essa questão sobre a correção dos nomes, Platão direciona a discussão para pontos importantes de sua ontologia e epistemologia: o que são os nomes? Para que eles servem? Qual é a relação existente entre os nomes e as coisas? Podemos conhecer as coisas pelos nomes? O

---

<sup>22</sup> Para mais detalhes sobre este assunto, ver capítulo 10 – A controvérsia *nomos-physis* - de *O movimento sofista* de Kerferd e p.15 e 16 do *Essai sur Le Cratyle* de Goldschmidt.

que sustenta o uso correto dos nomes? Estas são algumas das questões que podemos perceber no *Crátilo*.

Por fim, acreditamos que Platão visa no *Crátilo* apresentar uma resposta a todos aqueles que se dedicaram diligentemente à discussão sobre a linguagem, e, para isso, o filósofo traz à tona ao longo do diálogo alguns dos pensamentos e métodos que eram comuns na época, na tentativa de demonstrar as suas falhas. No *Crátilo*, encontramos menções diretas e indiretas a alguns dos pensadores que foram de central importância para a discussão sobre a linguagem na Grécia antiga: Protágoras, Crátilo, Pródico, Eutidemo, Demócrito (que segundo Goldschmidt<sup>23</sup> merece o título de “o primeiro filólogo” mais do que qualquer sofista), Antístenes (considerado<sup>24</sup> como o primeiro filósofo da linguagem, pois elevou o problema linguístico ao domínio da teoria do conhecimento), Górgias, Heráclito, Hesíodo, Homero e os pitagóricos. Por isso tudo, percebe-se que o *Crátilo* apresenta um panorama geral sobre a discussão acerca da linguagem, além de revelar uma visão platônica sobre este tema.

Percebemos, também, que no *Crátilo* Platão lança algumas questões sobre as possibilidades de um uso e uma análise filosófica da linguagem. Contudo, não podemos retirar desse diálogo uma visão completa de Platão com relação à linguagem. Por conta disso, poderíamos dizer que no *Crátilo* Platão cria algumas bases para uma possível filosofia da linguagem que ele fundará em outros diálogos, em especial no *Sofista*.

Aos poucos, a pergunta que fizemos no início está sendo respondida e a importância do *Crátilo* para o pensamento de Platão, mais especificamente no que diz respeito à linguagem, está quase que evidenciada. Mas, antes de nos dedicarmos à análise do diálogo, faremos, agora, algumas colocações sobre o tema da linguagem em Platão.

A questão sobre a linguagem em Platão se relaciona diretamente com outra questão que tem papel de destaque no pensamento platônico: que tipo de relação nós podemos ter com a essência (*ousia*) dos seres? Ou, qual a relação que há entre o inteligível e o sensível? Isto é, uma discussão sobre a linguagem está

---

<sup>23</sup> P.16

<sup>24</sup> Idem p.18

diretamente relacionada a uma discussão ontológica, pois a partir do momento em que temos uma visão de como os seres se apresentam e se sustentam, é necessário haver, também, uma teoria da linguagem (sobre os seus limites e ações) que se ajuste a esta nossa compreensão acerca da constituição dos seres. E de certo modo, Platão, no *Crátilo*, parte de uma discussão sobre a correção dos nomes para chegar ao debate sobre a utilidade dos nomes no processo de conhecimento das coisas em si mesmas. E temos ao final do diálogo, na argumentação que pretende desqualificar a tese de Crátilo, a ideia de que os nomes são imitações das coisas existentes e por serem imitações, mesmo que excelentemente realizadas, são limitados, não podendo, com isso, representar perfeitamente as coisas que nomeiam. Esse pessimismo com relação à linguagem culmina com a afirmação de que, se quisermos realmente conhecer as coisas, devemos focar nas próprias coisas e não em seus nomes (439b), que são imagens imperfeitas. Com isto, Platão nega a tese de Crátilo de que os nomes e as coisas estão intrinsecamente ligados, de tal modo que, ao conhecermos os nomes, estaremos necessariamente conhecendo as coisas. Ao desvalorizar o acesso às coisas através dos nomes, Platão parece propor um outro tipo de contato mais seguro com as coisas. Contudo, acerca desse novo acesso às coisas, nada é dito no *Crátilo*.

Essa conclusão fez alguns comentadores pensarem a não existência de uma filosofia da linguagem em Platão. É o caso de Aubenque, que em seu livro *Le problème de l'Être chez Aristote*, diz, parafraseando Méridier, que tendo em mente o que Platão propõe no final do *Crátilo*<sup>25</sup>, pode-se afirmar que para este autor a filosofia não deve focar nas palavras ou se tornar uma ciência das palavras, mas sim deve ser um estudo acerca das coisas mesmas. Já numa outra perspectiva, encontramos autores como Goldschmidt e Parain, que creditam a Platão uma filosofia da linguagem; Goldschmidt<sup>26</sup> entende que no *Crátilo* Platão apresenta argumentos para demonstrar os pontos fracos de algumas teorias da linguagem divulgadas em seu tempo, mas, além disso, Platão tinha em mente um projeto maior que era a construção de uma linguagem ideal, onde o estudo dos nomes estaria a serviço de uma verdadeira filosofia. Para o autor, Platão reconhece os limites dos nomes, visto que a verdadeira dialética transcende a esfera dos nomes,

<sup>25</sup> Poderíamos, também, acrescentar o que é posto na *Carta VII* (342a-345c) acerca da tese da inexpressabilidade, onde se fala da impossibilidade da expressão discursiva filosófica.

<sup>26</sup> Ver especialmente o capítulo *Portée et signification du Langage Idéal*, p.184

mas como a atividade dialética é dependente dos nomes, é preciso criar uma terminologia, ou uma linguagem ideal, que atenda às necessidades filosóficas. Segundo Goldschmidt, essa fundação de uma linguagem ideal é sugerida no *Crátilo*, mas somente nos diálogos posteriores, como o *Sofista* e o *Político*, ela será realmente formulada.

Não entraremos nessa disputa se há ou não uma filosofia da linguagem em Platão. O que tentaremos é, a partir da análise do *Crátilo*, apresentar algumas considerações feitas por Platão que nos possam levar a uma compreensão do modo como este filósofo tratou, mesmo que não na forma de uma “filosofia”, a linguagem. E acreditamos que o *Crátilo* possa nos dar uma indicação sobre o pensamento de Platão acerca da linguagem, porque, como vimos, Platão pretende se distanciar de duas teses dominantes no pensamento linguístico grego: o relativismo-subjetivista do movimento sofístico e o naturalismo dos pensadores pré-socráticos.

Por isso tudo, pode-se dizer que o *Crátilo* é uma fonte imprescindível não só para se ter acesso a um pensamento platônico acerca da linguagem (e, por sua vez, acerca da ontologia e epistemologia platônica), mas sim, também, para compreendermos o desenvolvimento da discussão linguística no mundo grego; ou, de outro modo, o *Crátilo* é um valoroso testemunho sobre a compreensão linguística dos gregos.

Antes de passarmos para a análise do diálogo, trataremos rapidamente da estrutura da obra e da organização desta dissertação.

O *Crátilo* é um diálogo que pode facilmente ser dividido em três grandes movimentos: após rápida apresentação do tema (383a-384e), temos o início da primeira parte, na qual é realizado o diálogo entre Sócrates e Hermógenes (385 a-427d); dentro, ainda, dessa primeira parte, temos um segundo movimento dedicado à longa e controversa seção das etimologias (396d-421c); e por fim, o diálogo entre Sócrates e Crátilo (428b-fim). Como não pretendemos esgotar todas as problemáticas, que por sinal não são poucas, do diálogo, será nosso foco aqui as análises e refutações que Sócrates faz das teses que lhe são apresentadas. E deixaremos para as considerações finais as possíveis considerações que podemos retirar da visão de Sócrates em relação ao assunto debatido. Nas considerações

finais, ainda, retomaremos algumas das questões levantadas na introdução, pois ali encerraremos nossas reflexões sobre a linguagem em Platão, a partir do *Crátilo*. Por conta disso, a presente dissertação possui a seguinte estrutura: *Introdução, Capítulo I – O convencionalismo de Hermógenes, Capítulo II – O naturalismo de Crátilo e Considerações finais*.